

**BRASÍLIA, DF, 2 DE SETEMBRO DE 1996**

*Senhor Vice-Presidente da República, Senador Marco Maciel; Senhor Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Lélío Viana Lobo; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhor Governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque; Senhores Parlamentares que aqui se encontram; Senhor Brigadeiro Adir da Silva, que é o Presidente da Infraero; Minhas Senhoras; Senhores; Senhores Líderes que aqui se encontram;*

No espaço de pouco mais de um mês, este é o segundo aeroporto que tenho a satisfação de inaugurar. O Brigadeiro Adir lembrou há pouco que nós inauguramos o Aeroporto de Curitiba, que, de fato, é um aeroporto marcante pela sua beleza e simplicidade. Agora é o de Brasília. E muitos outros virão.

Isso é um trabalho meritório, conduzido pelo Brigadeiro Adir, pela Infraero, sob a supervisão do Brigadeiro Lobo, mostrando a sintonia que existe nessa parte dos transportes brasileiros com o conjunto do País, com uma sociedade que quer avançar, que quer mudar; e essas marcas tão características desses aeroportos, que são as de elegância, simplicidade e, quanto possível, custo baixo. É um Brasil que

quer ser eficiente e não quer ser dilapidador de recursos públicos. É um Brasil que acredita em si mesmo.

Tenho falado bastante, nesses últimos dias, sobre as mudanças que estão ocorrendo na área dos transportes. Recentemente, por ocasião da assinatura do contrato de concessão dos serviços de um trecho da malha ferroviária brasileira, eu mostrei aos que estavam ali presentes o quanto nós mudamos na questão das ferrovias. As ferrovias estão se recuperando com o apoio da iniciativa privada, visto que o Tesouro não teria mais condições de seguir investindo nessa área que é essencial para o Brasil. Mais adiante, tive oportunidade de me referir ao fato de que, agora, vamos usar as hidrovias. Desde que sou menino, já faz muito tempo, se falava nas hidrovias. Agora, nós realmente estamos usando as hidrovias.

A Madeira–Amazonas é uma hidrovia que, já no ano que vem, vai baratear o custo da exportação de maneira substancial, de tal forma que vamos poder concorrer com mais vantagem com a soja, com os demais grãos que produzimos, aqui, no interior do País, do coração do Brasil, em Rondônia, em Mato Grosso e, mais tarde, nos vales da Amazônia, que são extremamente férteis e que, até hoje, não têm sido utilizados para a agricultura.

Agora, vamos também levar adiante o projeto – já estamos – do Tocantins–Araguaia com duas saídas: uma por Itaqui, pelo Maranhão, e outra mais adiante, quando fizermos uma eclusa, e faremos, para permitir a utilização do porto de Barcarena, dos portos do Pará, para dar vazão à produção, também, do coração do Brasil, do Tocantins, do Maranhão, do Piauí e assim por diante.

Bom, o rio São Francisco, da mesma maneira, já está sendo revitalizado quanto às vias de comunicação. E, quando pudermos terminar a ferrovia de Unai a Pirapora, vamos incorporar uma parte de Goiás e de Minas Gerais ao Nordeste pela via fluvial.

Tudo isso não são mais promessas, não são metas de governo: são realizações, ou começo de realizações, porque muitas mais virão. A hidrovia Tietê–Paraná é vitoriosa e foi feita basicamente pela iniciativa privada, com a ajuda do Governo de São Paulo, com as eclusas. E isso é outro caminho da prosperidade.

Pois bem, dentro de poucos dias, eu anunciarei o que vamos fazer em matéria de recuperação da malha rodoviária e o que já está sendo feito. Nós já consertamos 21 mil km de estradas, dos – não sei quantos – 50 e poucos mil km de que dispomos. Até o fim do Governo, 80% da malha rodoviária será recuperada. Além disso, vamos acrescentar redes rodoviárias novas, duplicando estradas.

Agora, são os transportes aéreos que completam esse novo panorama. E o Brigadeiro Adir mostrou, como outro dia o Brigadeiro Lobo já havia mostrado em Curitiba, o quanto se está fazendo nessa matéria. E dá orgulho.

Outro dia eu descii em Iauaretê. Iauaretê fica lá longe, na fronteira com a Colômbia. Acho que nunca nenhum presidente desceu lá de avião Boeing. Acho mesmo uma temeridade. Mas nós descemos, sob o comando competente dos nossos oficiais da Aeronáutica. Na hora de subir, fiquei com um pouquinho de medo, porque tinham que dar muito motor para que, numa pista de 1.200 metros, fosse possível o Boeing levantar vôo; mas levantou com muita tranqüilidade. Lá longe, em Iauaretê, uma pista que dá para descer o Boeing presidencial! Eu me refiro a uma pista porque essa eu vi, mas em toda parte do Brasil temos, hoje, essa rede de aeroportos que honra o Brasil, honra a Aeronáutica, honra os nossos engenheiros, os nossos trabalhadores, porque este país seria inviável se não fosse a existência dessa rede de aeroportos e do serviço contínuo de assistência que se presta às populações através desses aeroportos.

Ouvi uma exposição, em São Gabriel da Cachoeira, feita pelo coronel comandante do regimento que lá está, ou do batalhão, não me recordo, em que relatou o seguinte: quando não há assistência aérea de aviões, que são os aviões disponíveis por nós, os Hércules ou, às vezes, os Bandeirantes, leva-se meses para ir de um local a outro. É só através dessa assistência permanente, feita nessas regiões mais longínquas do Brasil, na Amazônia, que as populações locais têm acesso a medicamento, a alimentação, enfim, a tudo que é essencial para uma vida minimamente digna.

De modo que essa obra é, ao mesmo tempo, de construção de uma rede de aeroportos para servir à população no seu cotidiano e aumentar a capacidade do Brasil de exportar e importar, e para atender aos mais carentes, porque eles necessitam dessa base física de acesso, num país tão grande quanto o Brasil.

Por todas essas razões é que estou hoje aqui, com muita alegria, para felicitar os construtores dessa obra, os engenheiros que participaram dela, as empresas, mas muito especialmente o Brigadeiro Adir e o Brigadeiro Lobo, em cuja gestão essas realizações estão ocorrendo.

Há pouco, estive na Secretaria do Tesouro, numa comemoração dos dez anos da Secretaria do Tesouro Nacional. Lá estava o Presidente Sarney, e nós tivemos oportunidade de trocar pontos de vista, para dizer o seguinte: mudança se faz com continuidade. É inútil pensar que se parte sempre do zero; é preciso que se recolha o que vem do passado. Se hoje nós podemos fazer isto, é porque muita gente trabalhou para que houvesse essas condições na Aeronáutica, para que houvesse essas condições no Brasil e, especialmente, aqui em Brasília.

Brasília – e com isto termino – se inspirou na forma de um avião. O Lúcio Costa teve a inspiração de fazer este Plano Piloto – que hoje está aqui governado pelo Governador Cristovam Buarque – dentro da concepção de um avião que ia levantar vôo. Faltava o aeroporto para que ele levantasse vôo, com beleza. Pois agora nós temos o Plano Piloto, marcado, já desde o seu início, com esse espírito de um pássaro que devia alçar vôo. E, já que a cidade não pode voar, que pelo menos os que nela habitam possam voar com mais tranqüilidade, utilizando um aeroporto moderno, um aeroporto confortável.

Portanto, felicito todos vocês, o Governador, porque é na terra dele que estamos inaugurando; e, mais uma vez, aqueles que trabalharam com muito afinco e que já mencionei, e os milhares que não posso mencionar, nem sei quem são, mas sem cujo trabalho correto teria sido impossível estarmos hoje inaugurando este aeroporto. Dou-o por inaugurado, e parabéns a todos que para isso trabalharam.